

3 A conquista da Fronteira: uma análise

3.1 Entre passado e futuro na obra de Turner: fronteiras físicas e imaginadas

The Significance of the Frontier in American History já começa colocando um ponto de tensão entre passado e futuro onde se insere a questão da experiência da Fronteira:

*In a recent bulletin of the [...] Census for 1890 appear these significant words: 'Up to... 1880 the country had a frontier of settlement, but at present the unsettled area has been so broken [...] that there can hardly be said to be a frontier line [...] [this frontier line] can not [...] any longer have a place in the census reports'. This brief official statement marks the closing of a great historic movement [...]. American history has been in a large degree the history of the colonization of the Great West. The existence of an area of free land, its continuous recession, and the advance of American settlement westward explain American development.*¹⁹

Esta afirmação coloca as duas questões centrais que irão dominar a obra de Turner. A primeira questão é a seguinte: a fronteira física se fechou. Não há mais terra aberta a ser conquistada. No entanto, o que define os americanos como povo e como Nação é precisamente o processo de conquista do continente. Se a identidade nacional americana (segundo Turner) surge da conquista da terra aberta, não-colonizada, num movimento contínuo e histórico do leste ao oeste, o que será desta identidade uma vez que não existe mais terra a ser conquistada? Como irão os americanos se definir diante da ausência do movimento e da dinâmica do domínio da natureza que os caracterizam como povo?

O segundo ponto implícito na afirmação citada acima serve como uma resposta à primeira questão. A explicação de *como* o passado da experiência da Fronteira moldou o caráter americano irá servir de exemplo de conduta, no sentido em que os princípios tirados desta experiência poderão orientar as futuras ações da sociedade americana. É neste ponto que entra a questão da Fronteira como mito.

A Fronteira assumirá muitos nomes: *free land*, *Great West*, *Wilderness*. Ela será o ponto de encontro entre a “civilização” e a “barbárie”, servindo também de momento

¹⁹ TURNER, F.J., "The Significance of the Frontier in American History", In: FARAGHER (Org), Op. Cit., p. 31.

e local para o *effective Americanization* e “eterno recomeço”. Nesses aspectos, a Fronteira transcende sua condição de mero espaço físico – terra aberta a ser colonizada – e passa para o terreno do imaginário. Em cada uma de suas encarnações, a Fronteira se revela como um espaço – físico ou imaginado – onde ocorrem processos de transformação. Na sua essência, a Fronteira de Turner é o ponto onde há um rompimento com o passado, um novo desafio a ser enfrentado e um recomeço. É um processo que não tem fim: onde houver um desafio, a possibilidade de renascer e de desbravar um novo caminho, haverá uma fronteira. É deste aspecto imaginário, onde há um eterno movimento, que os americanos deverão tirar os princípios orientadores para seu futuro.

3.2

Antecedentes da Mitologia da Fronteira: Oeste, Paraíso e *Wilderness*

A obra de Turner se baseia numa antiga e rica experiência coletiva dos povos do Norte Europeu que colonizaram, num primeiro instante, os Estados Unidos. Os múltiplos nomes dados ao vasto interior do continente americano – *Great West*, *Wilderness*, *Frontier Experience* – são frutos de um imaginário que se alimenta de inúmeras fontes: mitologias advindas da Antiguidade Clássica, das culturas celta e teutônica, da Bíblia e do Romantismo europeu do século XIX. Deste “caldeirão” da imaginação é possível traçar a genealogia dos diversos conceitos empregados por Turner ao descrever a marcha épica dos pioneiros de leste a oeste do continente americano.

Os dois principais conceitos são: Oeste e *Wilderness*, que serão analisados em termos de dicotomias: paraíso x deserto, civilização x barbárie, recomeço x continuidade, passado x futuro. O “Oeste” será sempre associado ao ideal – a algo a conquistar, a sonhos a realizar, em suma, à eterna busca, e ao futuro. *Wilderness* é o caminho para o sonho – uma passagem repleta de perigos, desafios e mistérios que o pioneiro tem que enfrentar para conquistar o que deseja. *Wilderness* é o ambiente – caracterizado pela incerteza e pelo desconhecido – que é percorrido em direção ao “Oeste”. A linha imaginária que separa os dois é a “fronteira” entre sonho e busca, passado e futuro.

Na Antiguidade Clássica, o “Oeste” esteve associado não a uma região específica, mas ao paraíso, ao sonho, ao maravilhoso: uma entidade sempre móvel no

imaginário, o vir-a-ser ligado ao futuro de promessa e felicidade. O poeta Horácio já escrevera:

*See, see before us the distant glow,
Through the thin dawn-mists of the West,
Rich sunlit plains and hilltops gemmed with snow,
The Islands of the Blest!*²⁰

As “Ilhas dos Abençoados” do oeste, para Plutarco, eram “terras abundantemente férteis, que produziam espontaneamente uma abundância de frutos delicados, suficientes para alimentar os habitantes, que aqui podem gozar de tudo sem problemas ou esforço”.²¹

São idéias expostas há cerca de dois mil anos, mas que perduraram no imaginário da cultura ocidental e motivaram as explorações marítimas do mundo moderno. Segundo o filho de Colombo, o navegador sonhava em conhecer as ilhas místicas do Oeste, onde se encontrariam maravilhas como a fonte da juventude, as cidades douradas de Cibola, as amazonas das ilhas da Califórnia. Ao navegar em direção ao Oeste, Colombo visava chegar ao ponto final do oriente, onde estaria o paraíso. Ao circular a costa de Trinidad, Colombo pensou que havia encontrado o paraíso terrestre, “pois todos dizem que fica no final do oriente, e é aqui que estamos.”²²

A idéia de paraíso está ligada ao idílio, ao ser humano em perfeita harmonia com a natureza que o cerca. Não há esforço nem dificuldades. A natureza cede os seus frutos sem luta. Não há perigos nem incertezas. Neste sentido, há uma tensão entre os conceitos de “Paraíso” e *Wilderness*, onde a natureza se apresenta como desafiante e hostil, precisando ser trabalhada e dominada.

A idéia de *Wilderness* é chave para entender a questão da identidade nacional americana e a forma como é trabalhada na obra de Turner. Um dos grandes clássicos sobre o assunto é o livro *Wilderness and the American Mind*, de Roderick Frazier Nash, originalmente escrito em 1967. “*Wilderness was the basic ingredient of American culture*”, diz Nash. “*From the raw materials of the physical wilderness, Americans built a civilization. With the idea of wilderness they sought to give their civilization identity and meaning*”.²³

²⁰ HINE, R.N., & FARAGHER, J. M., *The American West: A New Interpretive History*. p. 1 et. seq.

²¹ *Ibid.*, p. 1 et. seq.

²² *Ibid.*, p. 3.

²³ NASH, R. F., *Wilderness and the American Mind*, Introdução, p. XI.

Etimologicamente, a palavra *wilderness* é de origem germânica. Advém de *wild deor*, ou “fera selvagem”. A contração de *wild deor* para *wilder* leva a *wild deor ness* – o lugar das feras selvagens.²⁴ Neste sentido, o conceito se refere a tudo que escapa ao controle humano, estabelecendo uma delimitação entre o que é subjugado, dominado pela ação humana e o que não é – isto é, uma separação entre *Wilderness* e Civilização. O próprio conceito de *Wilderness* é estabelecido a partir da noção de que o homem pode dominar e controlar a natureza. Na história humana, isso teria ocorrido com a passagem da vida nômade de caçador/coletor para a vida pastoral, com os adventos da agricultura e da domesticação dos animais. Nash escreve:

*The roots of the story lie in the fact that civilization created wilderness. For nomadic hunters and gatherers [...] ‘wilderness’ had no meaning. Everything natural was simply habitat [...]. Lines began to be drawn with the advent of herding, agriculture, and settlement. Distinctions between controlled [...] and uncontrolled animals and plants became meaningful, as did the concept of controlled space [...]. For the first time humans saw themselves as distinct from and [...] better than the rest of nature [...]. The intellectual consequence was the application of the concept of ‘wild’ to those parts of nature not subject to human control.*²⁵

Os dois principais aspectos da idéia de *Wilderness* que influenciaram o imaginário dos pioneiros americanos vêm do folclore medieval norte-europeu (principalmente a Europa anglo-saxã, de onde vieram os primeiros imigrantes para a América do Norte) e da tradição judaico-cristã.

Nas lendas e na mitologia medieval das tribos do norte da Europa, os *wild doers* habitavam locais desconhecidos do homem: escuros, sombrios e desolados. O limite entre conhecido/desconhecido, controlado/não-controlado era estabelecido por demarcações topográficas como a floresta, as montanhas, um lago ou o mar.

Um dos primeiros instantes da utilização do conceito e do termo *wild doer* se encontra no poema épico *Beowulf*, do século VIII. Trata-se de um embate entre as tribos lideradas pelo guerreiro e herói Beowulf e os *wild deor*, as criaturas fantásticas e monstruosas que habitavam lugares remotos e escuros nas florestas, grutas, cavernas e penhascos.²⁶ O *Lobisomem* e o *Big Foot*, ou *Pé Gigante*, uma enorme fera devoradora de homens, também eram habitantes das profundezas sombrias das florestas. Já o

²⁴Ibid., p. 2. O sufixo *ness* transforma adjetivo em substantivo, assim como o adjetivo *happy* é transformado no substantivo *happiness*. O sufixo dá a conotação de situação ou estado físico/emocional. *Wilderness* seria o incontrolável.

²⁵ Ibid., p. XI. et. seq.

²⁶ Ibid., p. 1 et. seq.

Abominável Homem das Neves vinha das regiões mais distantes das montanhas. Todos são exemplos dos *wild doer* associados, na imaginação norte-européia, à escuridão e ao terror, à “fera” que reside tanto fora quanto dentro do homem, nas partes mais profundas do seu inconsciente.²⁷ (No que concerne à obra de Turner e o imaginário dos pioneiros americanos, o *wild doer* é o índio. Num primeiro instante, para os puritanos, os índios são feras tão assustadoras quanto as criaturas medievais. Num segundo instante, para os colonizadores já influenciados pelo Iluminismo dos séculos XVIII e XIX, os índios são apenas homens “primitivos” representantes de um estado anterior e inferior à civilização européia).

O termo completo *Wilderness – wild doer ness* – começou a ser utilizado genericamente pela influência do reformador inglês John Wycliff, que empregou a palavra em sua tradução da Bíblia, do latim para o inglês, no século XIV. Neste contexto, *Wilderness* mantém a idéia de um lugar desconhecido, perigoso e hostil ao homem, desta vez associado ao deserto. Wycliff empregou *Wilderness* às regiões áridas e sem habitação do Oriente Médio, cenário dos Testamentos da Bíblia.²⁸ No Gênesis aparece a dicotomia *Wilderness/Paraíso* – colocada como deserto x idílio – na história da queda de Adão e Eva do Jardim do Éden.

O termo *Wilderness* descreve o caminho hostil, pleno de desafios e dificuldades que está diante de Adão e Eva, em contraste com a natureza acolhedora e harmoniosa do Éden (termo hebraico para “delícia”) que foi deixado para trás. Na versão inglesa da Bíblia, na escritura de Isaías 51:3, Deus promete reabilitar as terras de Zion, tirando-as da condição de deserto (*Wilderness*) para torná-las férteis como no Jardim do Éden: *[The Lord Said] that [He would] make [Zion’s] wilderness like Eden, her desert like the garden of the Lord*. Na visão de Nash, *“The story of the Garden and its loss [placed] into Western thought the idea that wilderness and paradise were both physical and spiritual opposites.*²⁹

²⁷ A idéia medieval de *wild doer* é encontrada ao longo de toda produção artística e cultural norte-européia. Nos contos de Hans Christian Anderson e dos Irmãos Grimm, a floresta densa perdura como uma metáfora para o perigo, o desconhecido e o inconsciente. No Romantismo inglês do final do século XIX, o *wild doer* reaparece, com uma variação importante. O limite do desconhecido não é mais a floresta, mas a ciência, como no caso de *Frankenstein* de Mary Shelley e *Dr. Jeckyl and Mr. Hyde* de Robert Louis Stevenson. No Romantismo americano do mesmo período, novamente encontra-se o *wild doer*, já mesclado com conceitos bíblicos. É o caso do Leviathan, em *Moby Dick* (Herman Melville), das profundezas do mar. Outros exemplos são as serpentes das florestas e plantas monstruosas de Nathaniel Hawthorne, nos contos clássicos *Young Goodman Browne* e *Rappacini’s Daughter*, respectivamente.

²⁸ NASH, R.F., Op. Cit., p. 2 et. seq.

²⁹ Ibid., p. 15.

A tensão bíblica entre *Wilderness* e Paraíso, assim como a mitologia germânica dos *wild doer*, alimentaram a imaginação dos primeiros colonos americanos. Os puritanos da Nova Inglaterra, assim como Colombo, vieram para a América à procura do paraíso, da Terra Prometida. Encontraram um lugar misterioso, amedrontador, pleno de dificuldades. “*A hideous and desolate wilderness*” foram as palavras de um dos primeiros colonos recém-desembarcados do *Mayflower*, William Bradford.³⁰

A vida para esses puritanos foi colocada em termos de um desafio: fazer com que a terra cumprisse sua promessa – arrancar do chão árido, com suor e sabedoria, alimentos e produtos para transformá-lo num grande jardim. “*Wilderness [is the stage] thro’ which we are passing to the Promised Land*”, declarou, em 1693, o intelectual puritano Cotton Mather.³¹ Assim, a idéia de *Wilderness* é de um estágio: trata-se de uma passagem para uma vida melhor, onde o objetivo passa a ser o de aperfeiçoar a natureza – moldá-la, desenhá-la, manipulá-la a ponto de desvendar os seus segredos e fazê-los render ao homem “a terra prometida”.

Implícitas no imaginário puritano estão as idéias de busca, desafio e progresso que serão chaves na proposta de identidade nacional de Turner. Não obstante, é importante ressaltar que na visão puritana o embate com a natureza se dá no sentido de subjugar-la, dominá-la, “civilizá-la”. Não existe ainda um conceito de regeneração pelo contato com a natureza, que será central à obra de Turner.

Os puritanos viam o *Wilderness* com as mesmas lentes de seus ancestrais germânicos: um reduto ameaçador, cheio de *wild doer* (animais selvagens e índios – Cotton Mather os chamava de “lobos da noite”, “dragões”, “serpentes voadoras”, “demônios”). Era um lugar a ser conquistado em nome da civilização européia e do cristianismo num movimento unidirecional: o homem transforma a natureza, mas por sua vez se preserva de qualquer influência do ambiente natural.

³⁰ BRADFORD, W. *Of Plymouth Plantation, 1620-1647* p. 62.

³¹ MATHER, C. *The Wonders of the Invisible World*, p.13.

Na literatura puritana, o *Wilderness* representa a tentação, a região do desconhecido onde o homem arrisca perder-se de sua comunidade e de si mesmo. Há o impulso à fuga para uma vida na natureza, entre os índios, que representam a violência, a liberdade e a sexualidade – em suma, os atributos do demônio. Se resistir à tentação, o colono renasce em solo novo, tendo preservado seus valores cristãos. Se não resistir, é sua perdição.³² É o mito da tentação de Cristo no deserto, ou seja, no *Wilderness*.

Em 1697, um dos colonos da Nova Inglaterra, John Higginson, escreveu: “...*a wilderness was subdued.... Towns erected, and Churches settled...in a place where...[there] had been nothing before but...Idolatry and [the cult of the Devil]*.”³³ A passagem capta todas as idéias essenciais dos puritanos: a natureza subjugada, a implantação de cidades e igrejas – o Progresso, a Civilização e o Cristianismo – e o domínio sobre as forças do mal associadas ao *Wilderness* e aos índios, que “cultuavam o demônio”.

Neste primeiro instante, então, a fronteira entre *Wilderness* e Civilização já se apresenta como um elemento do imaginário americano – o ponto de desafio e recomeço – que será central à obra de Turner. A transformação do *Wilderness* do deserto e do perigo para o *Wilderness* da regeneração ocorrerá com a passagem para o período iluminista.

Esta época coincide com a intensificação da expansão para o Oeste na América do Norte. O conhecimento da natureza, principalmente aquele que vem da sabedoria indígena, passa a ser necessário a um número cada vez maior de colonos que penetram mais profundamente no continente. A própria imagem da natureza se altera: não se trata mais de uma força ameaçadora, representativa dos impulsos mais ferozes do ser humano. O novo período histórico é caracterizado pelo predomínio da razão como principal instrumento de conhecimento, e a natureza selvagem pode ser domesticada, controlada e cultivada, com suas forças canalizadas de maneira racional pela ação humana.

Com o descobrimento das leis universais que regem a natureza, o meio natural passa a ser mais uma expressão de Deus sobre a terra. É a idéia da natureza “sublime”

³² SLOTKIN, R., Op. Cit., p. 94 et. seq. Este gênero de literatura, representado por autores como Jonathan Edwards e Cotton Mather, é chamado de *Indian Captive Narratives*. Surge no século XVII e representa uma forte preocupação dos Puritanos com as reais perdas que estavam sofrendo entre seus membros. Muitos fugiam e se integravam à vida indígena. A questão principal das narrativas é a do Puritano posto em cativeiro pelo índios, uma situação onde sua fé cristã e sua maneira de ser serão testadas.

³³ HIGGINSON, *An attestation to the Church-History of New-England.*, p. 13.

que representa o grandioso, o infinito. A natureza continua sendo um reduto do sobrenatural. No entanto, não é mais demoníaca nem aterrorizante: é a mais alta expressão de beleza e benevolência divinas.

A nova visão da natureza tem profundas implicações na relação “*Wilderness/Civilização*” e leva à redefinição de ambos os conceitos. Sob influência dos pensadores iluministas, Montesquieu e principalmente Jean-Jacques Rousseau, há uma reavaliação da relação homem-natureza-civilização. Para Rousseau, a “Civilização”, na maneira como foi concebida e instituída até então, é o reduto de desigualdade, opressão, mentira, falsidade, distorção – *tromperie*, como afirma Rousseau nas suas *Rêveries*. Segundo Rousseau, o homem nasce puro e a sociedade o corrompe.

A pureza inicial do homem se deve ao seu estado natural, anterior ao ingresso na sociedade injusta. A natureza agora é associada à moral, à virtude, ao bom e ao verdadeiro – qualidades que o homem perdeu ao longo da história ao participar de uma sociedade desigual e competitiva que motiva inveja, ganância, vaidade, disputas desleais e traição. A grande proposta de Rousseau é de reformar a sociedade, começando pela reforma do homem.

O processo de reforma começa pela natureza. O homem, para se tornar um ser moral, íntegro e virtuoso, tem que ser criado longe da sociedade – em meio à natureza. Assim, o homem preservará sua “pureza” inicial. Isto lhe dará condições para formar uma sociedade justa no futuro, no sentido em que homens justos formarão uma sociedade ideal – igualitária, verdadeiramente democrática.

As idéias de Rousseau e o novo conceito de natureza “sublime” foram marcos do movimento romântico no ocidente do século XIX, com impacto direto sobre o romantismo americano: “How great are the advantages of solitude! — How sublime is the silence of nature’s ever-active energies! There is something in the very name of wilderness...[which calms] the spirit of man. There is religion in it.”³⁴ Essas frases do americano Estwick Evans, escritas em 1818, poderiam ter vindo diretamente de Rousseau. *Wilderness* é a expressão do divino e possui poderes regenerativos: é o reencontro do homem consigo mesmo. Passa a ser, também, por outro lado, um símbolo de identidade nacional – o grande marco divisor entre a Europa e a América.

³⁴ NASH, R.F Op. Cit., p. 56.

Um dos mais famosos paisagistas americanos do século XIX, o pintor Thomas Cole (da escola das paisagens “sublimes” nos Estados Unidos) capta a idéia da natureza como símbolo nacional. Em 1836, escreveu: “*Though American scenery is destitute of many of those circumstances that give value to the European, still it has features, and glorious ones, unknown to Europe...the most distinctive... and most impressive characteristic of American scenery is its wilderness*”.³⁵

3.3

A obra de Turner: a eterna busca do paraíso

3.3.1

O embate com a natureza e o novo tipo americano

No que concerne à obra de Turner, escrita na virada do século XIX para o século XX, existe uma série de configurações e influências de todas essas idéias, desde os conceitos puritanos do século XVII até as propostas iluministas e românticas dos séculos XVIII e XIX. Cotton Mather, Rousseau e Thomas Cole são todos elementos dos quais Turner irá costurar sua proposta de nacionalidade.

Vale a pena repetir: na tese de Turner, o desenvolvimento americano se inicia na confrontação do homem europeu com a natureza selvagem, na fronteira entre *Wilderness* e *Civilização*. Neste encontro, há uma interação entre o homem e seu meio ambiente, uma dinâmica em que o homem é influenciado pela natureza e – por sua vez – a influencia. Deste embate, surge um novo tipo humano, um ser tipicamente americano:

*The frontier is the line of most rapid and effective Americanization. The wilderness masters the colonist. It finds him a European in dress [...] and thought [...]. It strips off the garments of civilization and arrays him in hunting shirt and mocassin. It puts him in the log cabin of the Cherokee [Indian] [...]. In short, at the frontier the environment is at first too strong for the man. He must accept the conditions which it furnishes, or perish [...]. Little by little he transforms the wilderness, but the outcome is not the old Europe [...]. The fact is, that here is a product that is American.*³⁶

³⁵ Ibid., p. 67.

³⁶ TURNER, J., "The Significance of the Frontier in American History", In: FARAGHER, (Org.), Op. Cit., p. 33.

Num primeiro instante, está presente a idéia puritana do *Wilderness* como perigo – um ambiente que é “poderoso demais” para o homem, podendo “dominá-lo.” É o *Wilderness* como desafio. Num segundo momento, Turner rompe com as idéias puritanas de subjugação total da natureza e de preservação da “civilização” européia. Este homem, que chega com as “vestimentas” e o “pensamento” europeus, precisa desfazer-se deles para sobreviver. Em outras palavras, precisa deixar para trás a “Civilização” como ele a conhece e enfrentar a natureza nos seus próprios termos. É preciso voltar às condições do homem primitivo – neste caso, o índio – caçando e pescando, morando nas casas de madeira dos Cherokee e utilizando seus mocassins e suas vestimentas.

Neste embate, a natureza é um personagem assim como o homem. Turner segue o embalo de uma convicção profunda, quase religiosa. Para ele, ocorre um processo de transformação de ambos os personagens, um sincretismo do qual irá surgir um produto distintamente americano. A tese, tendo origem em visão conhecida, acaba sendo bastante original quando explica a identidade americana. Ela se dá em duas etapas: primeiro a ruptura com a Europa e, segundo, por um processo de luta com a natureza. A síntese dessas duas idéias possibilita o surgimento do novo tipo humano.

3.3.2 A marcha ao Progresso e à Civilização

Este homem americano é dinâmico. Não ficará parado no estado primitivo. Trata-se apenas do ponto de partida numa longa caminhada em direção ao futuro generoso, ao Progresso, que levará à formação de uma nova Civilização.

American social development has been continually beginning over again on the frontier. This perennial rebirth, this fluidity of American life, this expansion westward with its new opportunities [...] furnish the forces dominating American character [...]. In this advance, the frontier is [...] the meeting point between savagery and civilization [...]. The United States lies like a huge page in the history of society. Line by line as we read this continental page [...] we find the record of social evolution. It begins with the Indian and the hunter; it goes on to tell of the disintegration of savagery by the entrance of the trader, the pathfinder of civilization; we read the annals of the pastoral stage in ranch life; [...] the intensive cultivation of the [...] farm element, and finally the manufacturing organization with city and factory system.³⁷

³⁷ Ibid., p. 32.

Através do movimento envolvido na conquista da fronteira, a civilização avança e se desdobra em múltiplas etapas que representam o desenvolvimento do capitalismo. Começa com a introdução do homem primitivo, o caçador. Prossegue com o elemento civilizador que penetra o mundo selvagem na condição de mercador, trazendo consigo alguns aspectos da civilização europeia. O mercador, com o tempo, transforma-se em pecuarista, depois em agricultor e finalmente num capitalista-industrial. Assim, a evolução social e industrial se desdobra no continente americano através da conquista de sucessivas fronteiras, num processo fluido, dinâmico, marcado por um movimento constante específico, que constitui o centro do caráter americano.

É importante notar que a idéia de Progresso dos puritanos, no sentido de implantar a cidade – símbolo da civilização – no *wilderness* é preservada. Não obstante, em vez de reproduzir as instituições da Europa cristã em solo novo, a proposta de Turner se concentra na idéia de instituições originais, produtos de outra realidade. As instituições que surgem na “marcha da civilização” através do continente serão influenciadas por elementos nativos, refletindo características peculiares ao novo homem que irá criá-las. Para Turner, a força da natureza agindo sobre o homem é superior e antecede qualquer instituição:

Behind institutions, behind constitutional forms and modifications, lie the vital forces that call these organs into life and shape them to meet changing conditions. The peculiarity of American institutions is, the fact that they have been compelled to adapt themselves to the changes of an expanding people – to the changes involved in crossing a continent, in winning a wilderness, and in developing at each area of this progress out of the primitive economic and political conditions of the frontier into the complexity of city life [grifo meu].³⁸

³⁸ Ibid., p. 31 et. seq.

3.3.3.

A etnia do novo homem americano e a “nacionalidade composta”

A composição étnica e racial deste novo tipo americano é também uma preocupação de Turner. Ele não trabalha com a idéia de raça nem de miscigenação racial, que é tão central à proposta de identidade nacional brasileira em Oliveira Lima. Seu tipo americano advém da interação entre povos da Europa do Norte: alemães, escoceses, irlandeses e escandinavos:

*The Middle region [Midwest] [...] was an open door to all Europe [...]. The Middle region was less English than the other sections. It had a wide mixture of nationalities, a varied society [...]. It represented that composite nationality which the contemporary United States exhibits, that juxtaposition of non-English groups [...]. Thus it became the typically American region.*³⁹

Não existe a idéia da mistura com o índio nem com o negro. Em primeiro lugar, o índio representava o homem primitivo ao qual o novo homem americano, etnicamente europeu, teria de se sobrepôr na marcha para a civilização. Em segundo lugar, o negro estava ligado às sociedades latifundiárias e escravagistas do sul dos Estados Unidos, uma situação totalmente desvinculada da experiência da fronteira descrita por Turner.

Nem o índio nem o negro eram imigrantes: o índio, por ser nativo, e o negro, por ter vindo forçadamente para o solo americano em condições de violenta opressão. O negro não poderia se identificar com o ser livre, auto-suficiente e possuidor de terras próprias que era o *frontierman*. Portanto, a *composite nationality* de Turner é mais uma nova espécie que contém um mínimo possível de genes ingleses. Alterada, de forma Lamarkiana, pelo meio ambiente, esta espécie apresenta novas características que irão ser transferidas de geração em geração, formando um novo tipo humano.

³⁹ Ibid., p. 51.

3.3.4

O homem americano como o homem natural: democracia, praticidade, liberdade e virtude

Quais seriam as características deste novo tipo humano que surge na fronteira? Como elas influenciarão as novas instituições a emergir? Seguindo a linha do romantismo via Rousseau, o homem americano é um ser regenerado pela natureza. Seu conhecimento vem do senso comum, da vida prática e da intuição advindos da necessidade de sobreviver num ambiente selvagem. Este é um homem que deixou a *tromperie* para trás: a nova sociedade criada por ele será igualitária e justa, pois pertence a um grupo de homens colocados em condições iguais. Não pertencem a hierarquias de nobreza. São homens comuns que dependem da sua própria capacidade e mérito para realizar suas ambições, abrindo caminho para a “Civilização”.

Existe a questão da democracia. A sensação de completa liberdade advindas da experiência da fronteira e o contato com as condições primitivas de vida geram no homem uma sensação de auto-suficiência que faz com que ele resista a qualquer poder coercitivo ou controlador. O homem da fronteira é antes de mais nada um amante da liberdade que luta contra forças restritivas. Como trabalha para si próprio, produzindo riqueza com suas próprias mãos, a participação e a liberdade política são preciosas, pois o que está em jogo é sua própria sobrevivência.

Para ressaltar este ponto, Turner cita um representante da região oeste do Estado de Virgínia:

*It is not the increase in the population in the West which this gentlemen ought to fear. It is the **energy which [...] western habits impart to those emigrants. They are regenerated, politically, I mean [...]. They soon become working politicians; and the difference between a talking and working politician is immense. The Old Dominion has long been celebrated for producing great orators; but at home, or when they return from Congress, they have negroes to fan them to sleep. But a [...] western Virginia statesman, though far inferior in [...] rhetoric to an old Virginia statesman, has this advantage, that when he returns he [...] takes hold of the plow. This gives him bone and muscle, sir, and preserves his republican principles pure and uncontaminated** [grifos meus].⁴⁰*

Nesta passagem está clara a diferença entre a democracia abstrata do sulista do *Old Dominion*, bom de retórica mas não muito familiarizado com o trabalho, e a democracia real, prática, representada pelo homem do Oeste, que é impelido à

⁴⁰ Ibid., p. 54.

participação cívica pelas necessidades práticas da vida e os esforços pela sobrevivência. Nota-se que o tipo de democracia descrito por Turner advém do sentimento, sendo fruto da experiência direta da vida junto à natureza e anterior a qualquer instituição.

O tipo de conhecimento orientado para a vida prática e para o resultado imediato, em contraponto ao conhecimento teórico que vem do estudo crítico e da análise, se transforma num marco cultural de grande impacto em todas as esferas de atividades da sociedade americana. É um conhecimento ligado a um conceito específico de trabalho que envolve suor, esforço físico, habilidade social para negociação, bem como a energia daquele que se levanta pelos *bootstraps* (literalmente, o cadarço das botas) para superar uma origem de recursos limitados e atingir uma posição de destaque na sociedade.

Essa idéia reflete, segundo Hofstadter, uma linha de pensamento anti-intelectual nos Estados Unidos.⁴¹ O anti-intelectualismo americano vê o estudo universitário, principalmente o das universidades tradicionais da costa leste, como uma atividade ligada ao ócio e à aristocracia. No Leste, a reflexão e o pensamento crítico seriam possíveis para aqueles que têm tempo livre, isto é, os que têm posses suficientes para se livrar da necessidade do trabalho braçal. O trabalho que envolve a participação no mundo físico seria, por outro lado, uma atividade necessária às camadas mais baixas da sociedade. O Oeste, por sua vez, seria a fonte da real democracia, onde homens comuns ascendem através dos esforços do seu trabalho prático, atuando no mundo em condições de igualdade. As exigências da vida prática reforçam a idéia de eterno movimento e dinamismo. Também estão ligadas ao avanço da civilização, no sentido do progresso material e evolução do capitalismo.

⁴¹ HOFSTADTER R., *Anti-Intellectualism in American Life*. p. 50 et. seq.

Numa passagem do seu ensaio *The Problem of the West*, Turner capta o caráter de empreendimento incessante, o vigor físico e a democracia igualitária representados pelo homem que desbrava a natureza selvagem do oeste. As exigências práticas e o dinamismo constante se sobrepõem às necessidades do “cultivo do espírito” ligadas ao pensamento intelectual e à erudição:

[...] the fundamental traits of the man of the interior were due to the free lands of the West. These turned his attention to the great task of subduing them to the purposes of civilization, and to the task of advancing his social and economic status in the new democracy which he was helping to create. Art, literature, refinement, scientific administration, all had to give way to this Titanic labor. Energy, incessant activity became the lot of this new American [...]. But free lands and the consciousness of working out their social destiny did more than turn the Westerner to material interests and devote him to a restless existence. They promoted equality among the Western settlers, and reacted as a check on the aristocratic influences of the East. Where everybody could have a farm [...] economic equality easily resulted, and this involved political equality [grifo meu].⁴²

A figura do homem do oeste como representativo de um real espírito democrático-igualitário tem implicações políticas profundas e duradouras na sociedade americana. A presidência de Andrew Jackson em meados do século XIX é considerada o grande marco deste espírito.

Jackson fora um representante perfeito do *self made man* do Oeste, daquele homem natural que é moldado pelo contato com a natureza, forte, viril, temperamental e livre. Jackson foi considerado o primeiro presidente a romper com a tradição de presidentes estadistas eminentes da costa leste e das grandes famílias aristocráticas de latifundiários, como Thomas Jefferson. Turner o descreve de maneira romântica e enfatiza sua importância como grande representante do Oeste – como maneira de ser – que chega, finalmente, à liderança da Nação:

*Of this frontier democracy which now took possession of the nation, Andrew Jackson was the very personification [...]. At last **the frontier in the person of its typical man had found a place in the Government.** This six-foot backwoodsman, with blue eyes that could blaze on occasion, this choleric, impetuous, self-willed Scotch-Irish leader of men, this expert dualist, and ready fighter, this embodiment of the tenacious, vehement, personal West was in politics to stay. [...]. **It was because Andrew Jackson personified these essential Western traits that in his presidency he became the idol and mouthpiece of the popular will. [...]. The triumph of Andrew Jackson marked the end***

⁴² TURNER, F. J., "The Problem of the West", In: FARAGHER (Org.), Op. Cit., p. 67.

of the old era of trained statesman for the presidency. With him began the era of the popular hero [grifos meus].⁴³

Assim, o *frontierman* de Turner passa a representar um tipo americano genérico, um herói popular, que passa da experiência territorial da conquista da natureza para outras esferas da vida americana. A política é apenas uma delas. Os mesmos atributos de Andrew Jackson serão refletidos nos grandes capitães de indústria do final do século XIX:

*For the old military type of Western leaders like [...] Andrew Jackson [...] have been substituted such industrial leaders as [...] John D. Rockefeller and Andrew Carnegie [...]. Long after the frontier period of a particular region has [...] passed away, the conception of society [...] which it produced, persists in the minds of the people [...]. If [...] we ourselves were not pioneers, our fathers were, and [...] the fundamental assumptions of the American people, have all been shaped by this experience of democracy on its westward march [...]. Even those masters of industry resources [...] still profess [these principles] [...]. In his *Triumphant Democracy* [1886], Andrew Carnegie...said in reference to the mineral wealth of the United States: 'Thank God [these resources] are in the hands of an intelligent people, the Democracy, to be used for the general good of the masses, and not [used] by monarchs [...] and aristocracy [...] [for the selfish ends] of a privileged hereditary class.'⁴⁴*

Neste sentido, há uma ponte entre passado e futuro. Os valores do “homem natural” que conquistou o território físico passam agora para um plano do imaginário que guia o futuro: os políticos, os capitães de indústria. Preservam-se os valores ligados ao mérito, ao esforço pessoal e à democracia igualitária. Persiste o repúdio à aristocracia, mesmo entre os fundadores do que viriam a ser as “dinastias aristocráticas” americanas (sendo os Rockefeller uma das primeiras e mais controvertidas).

De fato, uma ligação com a sociedade como um todo e o comprometimento com princípios democráticos irão caracterizar a atitude das “grandes famílias”. Isso se reflete de diversas maneiras: na filantropia dos Rockefeller, fundadores de museus, universidades, institutos de pesquisa técnico-científica e centros de arte e cultura; na proposta de um carro para o “homem comum”, o *Model T* do primeiro empresário do automóvel, Henry Ford; no *New Deal*, vasto programa de reformas sociais e econômicas posto em prática por Franklin Roosevelt, representante de uma das famílias mais ricas, tradicionais e poderosas de Nova York. A simbiose entre as elites políticas e econômicas e as bases da sociedade num projeto comum, a América, a eterna busca do

⁴³ TURNER, F. J., "Contributions of the West to American Democracy", In: FARAGHER, (Org), Op. Cit., p. 86.

⁴⁴ Ibid. p. 96 et. seq.

progresso e da melhoria de vida, são heranças da experiência da fronteira (segundo Turner). Tudo isto forma a bússola da sociedade americana em direção ao Oeste imaginário – que nunca pára, que é incessante.